

GRACIELE DOS PRAZERES PUSTILNIK



ENTRE O ALIENISTA E FOUCAULT

INSTITUIÇÃO:

Associação Internacional de Pesquisa na Graduação em Pedagogia – AINPGP

DIRETORIA

Prof. Dr. Alexandre Martins Joca (Presidente)
Profª. Drª. Elzanir dos Santos (Vice-Presidente)
Prof. Me. Willyan Ramon de Souza Pacheco (Secretário)
Prof. Anna Catarine Amaral (Suplente de Secretário)
Profª Drª. Francicleide Cesário de Oliveira (Tesoureira)
Profª Alzira Bruceleide Alves Dias (Suplente de Tesoureira)

CONSELHO EDITORIAL (NACIONAL E INTERNACIONAL)

Prof. Dr. Afonso Welliton de Sousa Nascimento (UFPA)
Prof. Dr. Allan Solano Souza (UERN)
Prof. Dr. Alexandre Augusto Cals de Souza (UFPA)
Prof. Dr. Benedito Gonçalves Eugênio (UESB)
Prof. Dr. Bertulino José de Souza (UERN)
Profa. Dra. Ciclene Alves da Silva (UERN)
Profa. Dra. Cristiane Maria Nepomuceno (UEPB)
Profa. Dra. Diana Paula de Souza Rego Pinto Carvalho (UERN)
Prof. Dr. Eduardo Jorge Lopes da Silva (UFPB)
Prof. Dr. Ernano Arraias Junior (UFERSA)
Prof. Dr. Fernando Gil Villa (USAL y ABS-USAL/Espanha)
Profa. Dra. Franselma Fernandes de Figueirêdo (UFERSA)
Profa. Dra. Francicleide Batista de Almeida Vieira (UFRN)
Prof. Dr. Giann Mendes Ribeiro (UERN)
Prof. Dr. Gilton Sampaio de Souza (UERN/FAPERJ)
Prof. Dr. Glaydson Francisco Barros de Oliveira (UFERSA)
Profa. Dra. Kássia Mota de Sousa (UFCG)
Profa. Dra. Maria da Paz Cavalcante (UERN)
Profa. Dra. Maria Eliete de Queiroz (UERN)
Profa. Dra. Ivana de Oliveira Gomes e Silva (UFPA)
Prof. Dr. Ivanildo Oliveira dos Santos (UERN)
Prof. Dr. José Amiraldo Alves da Silva (UFCG)
Profa. Dra. Lidiane de Moraes Diógenes Bezerra (UERN)
Prof. Me. Luís Filipe Rodrigues (Universidade de Santiago/Cabo Verde)
Prof. Dr. Luís Tomás Domingos (Moçambique/UNILAB/Brasil)
Prof. Dr. Marcelo Vieira Pustilnik (UFES)
Profa. Dra. Maria do Socorro Maia F. Barbosa (UERN)
Prof. Dr. Miguel Henrique da Cunha Filho (UERN)
Profa. Dra. Racquel Valério Martins (ABS-USAL/Espanha)
Prof. Dr. Renato Alves Vieira de Melo (ABS-USAL/ Espanha)
Prof. Dr. Rosalvo Nobre Carneiro (UERN)
Profa. Dra. Sandra Meza Fernández (Universidade do Chile/Chile)
Profa. Dra. Soraya Maria Barros de Almeida Brandão (UEPB)
Profa. Dra. Simone Cabral Marinho dos Santos (UERN)

A compilação de responsabilidade assumida pelos autores foi validada pelo processo de revisão fechada por pares, ou seja, os manuscritos científicos passaram pelo crivo avaliativo do CONSELHO EDITORIAL, a fim de garantir a credibilidade da produção, já que a AINPGP, por seu comprometimento com os conteúdos da ciência, toma por preceito ético o atendimento das normas para publicação determinadas pela CAPES.

Copyright © Graciele dos Prazeres Pustilnik

Copyright dessa edição © Edições AINPGP

Diagramação: Marcelo Vieira Pustilnik

Foto da capa: Marcelo Vieira Pustilnik

www.ainpgp.net

email: graziprazeres30@gmail.com

Ficha Catalográfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P987 Pustilnik, Graciele dos Prazeres

Entre o alienista e Foucault [recurso eletrônico]. / Graciele dos Prazeres Pustilnik.
Cajazeiras/PB: Edições AINPGP, 2022.

Acesso:<http://ainpgp.net/painel/wp-content/uploads/2022/07/o-alienista-e-foucault.pdf>

ISBN: 978-65-87527-12-3

Bibliotecária: Francismeiry Gomes de Oliveira CRB 15/869

A publicação deste livro, em formato de e-book, contou com o apoio do Edital AINPGP de Incentivo à Publicação de Sócios/as, lançado pela Associação Internacional de Pesquisa na Graduação em Pedagogia (AINPGP). O Edital tem como objetivo estimular a produção do saber, através da difusão e utilização de resultados de pesquisas realizadas no campo da educação e áreas afins, mediante negociações e intercâmbios com educadores/as, comunidades e instituições interessadas. Faz parte das ações voltadas ao incentivo da produção do conhecimento na graduação, planejadas pela AINPGP.

GRACIELE DOS PRAZERES PUSTILNIK

ENTRE “O ALIENISTA” E FOUCAULT

2022

A ciência, disse ele a Sua Majestade,
é o meu emprego único; Itaguaí é o
meu universo. (Machado de Assis in
O Alienista)



Mestra em Cidades, Territórios e Identidades, da Universidade Federal do Pará, onde também se especializou em Extensão Socioambiental e Desenvolvimento dos Sistemas Agroalimentares (2019). Possui graduação em Letras Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará (2017).

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
UMA BREVE APRESENTAÇÃO	14
PERCURSOS DE ANÁLISES	16
“O ALIENISTA” DE MACHADO DE ASSIS E A ANALÍTICA DE MICHEL FOUCAULT	16
A INVESTIGAÇÃO E SEUS ASPECTOS: DOCUMENTAL E BIBLIOGRÁFICO	16
O CONTO “O ALIENISTA” COMO UMA ANÁLISE GENEALÓGICA EM MICHEL FOUCAULT	19
MACHADO DE ASSIS VIDA E PRODUÇÃO LITERÁRIA	24
“O ALIENISTA” E O DISPOSITIVO DO SABER E DO PODER SEGUNDO MICHEL FOUCAULT	27
CONSTITUIÇÃO DO MODELO DE HOSPITAL PSIQUIÁTRICO	34
O MOVIMENTO DA LUTA ANTIMANICOMIAL NO BRASIL: UMA SÍNTESE HISTÓRICA	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS:	43

INTRODUÇÃO

Este ensaio tem como objetivo empreender uma análise aproximativa de duas perspectivas teóricas, uma ancorada na análise literária de Machado de Assis no conto “O Alienista”, em que o genial autor estabeleceu uma forte crítica ao espírito cientificista e cultuador da razão, a qual impunha como uma ideia dominante que vislumbrava a possibilidade de compreender a loucura e situá-la. Além disso, propunha também estabelecer um lócus privilegiado como objeto de observação laboratorial e como prática terapêutica, neste caso o hospital psiquiátrico retratado no conto. O hospital psiquiátrico é a instituição nomeada no conto de Casa Verde, que vai progressivamente se transformando em local de exclusão e aniquilamento das existências das pessoas hospedadas. Este lugar caracteriza-se por ora lógico, ora moral, através de uma relação de saber e poder que não se percebia sem um exame mais crítico de seus fundamentos filosóficos.

A escolha da filosofia de Michel Foucault justifica-se, em parte, por estabelecer também como um potente arsenal teórico e metodológico para desconstruir toda uma história de continuidade de um saber psiquiátrico que se justificava e legitimava-se por uma trajetória de progresso e cientificidade, com a perspectiva de propor uma compreensão racional da doença mental. Desta maneira, expõe a fragilidade de todos os pressupostos que legitimavam o saber e o poder da psiquiatria, que já servia mais como um dispositivo de controle político e social do que um tratamento terapêutico. A notável sensibilidade, com que Machado de Assis capta as contradições da sociedade de sua época, possibilita uma progressiva e contínua atualização dos seus escritos literários, o que deixa explícito a atemporalidade de suas obras

A escolha da temática que visa a busca pela aproximação a literatura e a psiquiatria, com o objeto em análise ser o conto machadiano “O Alienista”, se deu através de trajetória acadêmica, voltada para os estudos literários, em que

se observou grande singularidade, criticidade, e contemporaneidade nas obras de Machado de Assis, tanto nas produções de sua primeira fase considerada pela crítica literária como romântica, quanto em sua segunda fase a qual foi avaliada como realista. Neste momento seus livros expressaram maior maturação, focados para a crítica e denúncia social. Sabe-se que em Ciências Humanas e Sociais faz-se interessante e relevância a aproximação entre áreas afim, essa argumentação justifica a aproximação entre literatura e psiquiatria como já mencionado.

A partir de reflexões sobre alguns contos machadianos e nesta situação o conto "O Alienista", fez-se a seguinte reflexão: Quem são os loucos? Quem os oprime? Como o conto apresenta essa questão? Seria uma denúncia social? Tais questões, constituem-se como pontos primários para a investigação apresentada. Tais indagações, configuram-se como as perguntas norteadoras para de investigação literária.

O objetivo geral deste ensaio é buscar entender alguns aspectos referentes a loucura e o objeto a ser analisado é o conto "O Alienista" de Machado de Assis. Acreditou se possível estabelecer confluência a partir da subjetividade da loucura através da relação entre a literatura machadiana do século XIX e os estudos filosóficos contemporâneos de Michel Foucault do século XX. Neste estudo, o foco principal é a literatura, amparada nos estudos filosóficos em uma perspectiva psicológica. Por objetivo secundário busca-se com este estudo pontar possibilidades de releituras e ampliação de horizontes para um contínuo e renovado interesse para novos significados filosóficos e literários, bem como contribuir para consolidar o estabelecimento de possíveis análises de uma forma crítica e renovadora dos escritos machadianos.

Ao analisar o conto, buscamos neste ensaio, a relação entre a literatura embasada no texto ficcional "O Alienista" de Machado de Assis, com o dispositivo filosófico do saber-poder de Michel Foucault. Nessa perspectiva, analisamos a emergência da constituição da loucura em um determinado período temporal, a saber, o final do século XIX, cuja figura do louco, na abordagem machadiana, nos é apresentada através do personagem Dr. Simão Bacamarte, e a forma de dominação apresentada por Foucault na relação do saber-poder.

A partir de “O Alienista” de Machado de Assis, por meio da perspectiva dos pressupostos filosóficos foucaultianos, utilizando-se os dispositivos teóricos da relação saber-poder, encontrados na produção ficcional machadiana, no personagem principal o Doutor Simão Bacamarte. É possível refletir sobre a relação saber-poder na literatura machadiana, como o Saber e o Poder se apresentam no texto e de que forma os dispositivos analíticos foucaultianos são empreendidos, analisando a figura do sujeito denominado louco na sociedade brasileira do século XIX, e como esse ser “louco” se comportava na sociedade da época.

A problemática consiste, por empreender uma análise da produção literária de Machado de Assis e da analítica filosófica de Michel Foucault, tornou-se possível levantar algumas questões, primeiramente é plausível elaborar uma conexão interpretativa da escritura de Machado de Assis utilizando os dispositivos conceituais de Michel Foucault; em segundo lugar, é válida a tentativa de se fazer uma interpretação contemporânea da atemporalidade, da crítica machadiana e da análise foucaultiana, desde outrora até a contemporaneidade, é possível estabelecer novas releituras do conto de Machado, concernentes aos questionamentos dos movimentos da antipsiquiatria.

Este estudo, justifica-se pela busca, através da metodologia de pesquisa bibliográfica e documental, compreender a relação analítica foucaultiana concernente à associação entre o saber-poder, procurando suporte nos recursos literários para interpretar a realidade política e social; dessa forma, o escritor faz uso dos recursos das figuras de linguagem a exemplo da: ironia, metáfora, comparação, eufemismo, hipérbato, metonímia etc., fazendo da literatura um disposto de denúncia social, à determinada forma de opressão, em determinado contexto social, político, histórico e cultural.

A escritura machadiana transparece politicidade, ou seja, forma de se posicionar em frente às certas questões sociais, políticas e culturais em que o escritor viveu, de forma de questionar os paradigmas conservadores e tradicionais existentes. Portanto, na sua expressão literária, notamos o conflito estabelecido entre o literário e o político, na relação dialética do saber-poder, isto

é, por entender que, toda estrutura de poder possui um conjunto de saberes que o legitima.

No século XIX, encontramos por meio da literatura a sociedade brasileira envolta em notáveis processos de transição, com um grande crescimento populacional, e mudanças nas esferas políticas, econômicas e sociais. Nesse momento, o estado monárquico se consolidou; nesse contexto, emerge o gênio Machado de Assis, que passou por dois importantes momentos literários, denominados pela crítica como primeira fase romântica e sua segunda fase realista, então, temos as produções anteriores a 1880 que apresentam características românticas, porém, já com vislumbre do realismo com produções literárias pós 1880, apresentando maior maturidade literária e a presença de figuras de linguagem, sendo a mais evidente a ironia.

No que diz respeito a Michel Foucault é um filósofo francês contemporâneo do século XX com vasta produção de caráter transdisciplinar em que aborda questões sociais, políticas e culturais concernentes à história da loucura, da sexualidade e da emergência do poder na sociedade moderna, que tem influenciado estudos em diversas áreas do conhecimento humano, como literatura, filosofia, psiquiatria, história, sociologia e direito.

Este ensaio visa examinar a produção social da loucura no Brasil que Machado de Assis viveu, referenciadas em “O Alienista” que se utiliza frequentemente dos dispositivos literários como, metáfora e a ironia. Buscamos fazer uma releitura da produção da loucura, comparando os autores Machado de Assis e Michel Foucault, utilizando como objeto de análise a relação saber-poder psiquiátrico na figura do personagem o doutor Simão Bacamarte, usado metaforicamente para analisar os comportamentos da sociedade brasileira do século XIX.

Analisamos a literatura em uma perspectiva política, a loucura pode ser entendida como um desvio de conduta social, quando fazemos uma análise ideológica, o sujeito denominado louco, é louco porque não está cumprindo o padrão determinado pela sociedade. Ele vai de encontro com o modo de vida da maioria das pessoas, provocando para alguns certos desconfortos. Em nossa

análise, também abordamos a sociedade com seus conflitos e ambivalências em relação à loucura.

O presente trabalho objetiva analisar uma faceta do período Genealógico, especificamente no que diz respeito às relações do saber-poder psiquiátrico e da conduta dos chamados “doentes mentais”, procurando estabelecer contrapontos e análises entre os teóricos supramencionados e a produção literária em análise, tomando como domínio o suporte teórico analítico foucaultiano, tratando de estabelecer uma sincronia analítica entre a produção teórica de ambos, além disso, tais análises possibilitarão constituir possíveis relações entre o discurso cientificista da Razão, tão relevante à cientificidade encontradas na análise literária de Machado de Assis e nos dispositivos analíticos teóricos de Michel Foucault.

A proposição deste trabalho, consiste em estabelecer a possibilidade de uma releitura e interpretação do conto “O Alienista”, que contemporaneamente emerge para uma convergência analítica da doença mental e do poder psiquiátrico no século XX. Amparado na filosofia de Michel Foucault, que também empreende com seus recursos analíticos, históricos e filosóficos da desconstrução do saber médico e do poder psiquiátrico, os quais vamos encontrar nos seus escritos como em “Microfísica do Poder” (1992) e “Vigiar e Punir (1986)”, que servem de referência fundamental para a elaboração deste trabalho.

Na primeira seção, intitulada “Percurso de análises”, empreendemos um estudo sobre as formas como desenvolveu-se o ensaio, começamos esta seção com o tópico “‘O Alienista’ de Machado de Assis e a analítica de Michel Foucault”, fazendo uma sucinta apresentação do que tratamos no decorrer da presente seção. Apresentamos também a investigação e seus aspectos de cunho documental e bibliográfico, na qual apresenta-se o livro “O Alienista” e descreve-se a estratégia de trabalho que são: a de cunho documental e a bibliográfica. O aporte teórico de tem-se: Foucault (2005), Le Goff (2009), Lemos e Cardoso Junior (2009) a partir dessas fundamentações teóricas, elaborou-se uma discussão acerca da investigação de cunho documental.

No que diz respeito ao tópico intitulado “O conto ‘O Alienista’ como uma análise genealógica em Michel Foucault”, apresenta-se o conceito de genealogia para Foucault, descritos nos estudos de Lemos (2007), neste momento, efetuou-se uma convergência entre a literatura machadiana e a filosofia foucaultiana, abordando a relação do saber-poder psiquiátrico através dos discursos encontrados nas falas e diálogos do doutor Simão Bacamarte, para tanto continuamos a utilizar os conceitos analíticos de Foucault, como disciplinarização e docilização dos corpos, encontrados nos estudos de Lemos (2007).

Em continuidade, segunda seção, “Machado de Assis vida e produção literária”, é composta por dois tópicos, o primeiro nomeado de “Machado de Assis vida e produção literária” e o segundo “‘O Alienista’ e o dispositivo do saber e do poder segundo Michel Foucault”. No primeiro, discorre-se sobre a vida do escritor, enfatizando seus dois momentos de produção literária, conhecidos pela crítica como romântico e realista, como também se apresenta as suas produções e destaca-se as mais relevantes, desde “Crisálidas” (1864) até o conto “O Alienista” (1888). Assim, descreve a homenagem de Carlos Drummond de Andrade ao dedicar-lhe um poema de título “Ao Bruxo, com Amor” (1959), faz-se uma breve referência ao conto sobre análise e o personagem o doutor Simão Bacamarte.

No segundo tópico, empreende-se uma abordagem temática da loucura embasada na psiquiatria clínica encontrada no conto “O Alienista”, relacionado ao dispositivo foucaultiano saber-poder, que fundamentou as análises dos discursos de Bacamarte. Neste sentido, explora-se os discursos saber médico e o poder que o saber lhe confere, por fim, descrever-se a finalidade da Casa Verde de Itaguaí.

E para finalizar o ensaio, tem-se a terceira seção, “Constituição do modelo de hospital psiquiátrico”, no qual empreende-se uma apresentação de trajetória histórica da luta antimanicomial e movimento da antipsiquiatria que vinha sendo elaborado na Europa pela desconstrução do discurso do poder-saber psiquiátrico e pela desinstitucionalização hospitalocêntrica. Empreende-se uma descrição da análise foucaultiana da emergência dessa instituição, e como último ponto da seção, tem-se o tópico: “O movimento da luta antimanicomial no Brasil: uma síntese histórica”, em que se aborda as lutas contrárias a um modelo de assistência psiquiátrica no Brasil, assim como a lenta e progressiva luta pela implantação de um novo modelo de assistência à saúde mental associada à implantação aos serviços substitutivos, assistenciais e terapêuticos que possibilitassem um tratamento humanizado aos portadores de sofrimento mental. E por fim as “Considerações Finais”.

Para enfrentarmos essa fascinante análise, iniciamos pela centralidade do estudo.

“O Alienista” de Machado de Assis e a analítica de Michel Foucault

Nesta seção, tem-se uma breve apresentação da metodologia deste trabalho que se embasa na investigação de cunho bibliográfico e documental, para tanto, expõem-se o conceito de genealogia, amplamente utilizado por Michel Foucault, em uma perspectiva original que inaugura novas possibilidades de análises históricas.

Por conseguinte, a atenção volta-se para a noção foucaultiana de genealogia e relação saber-poder, que nos possibilitará uma análise do conto de Machado de Assis “O Alienista”, que comporta uma forte crítica à racionalidade e ao cientificismo concernente à loucura, o que é surpreendente por termos encontrado a mesma criticidade analítica nos escritos de Michel Foucault. Com isso, propomos estabelecer uma conexão analítica de caráter transversalisante nos campos literário, filosófico e histórico entre os autores citados.

A investigação e seus aspectos: documental e bibliográfico

Neste trabalho, tem-se duas possibilidades: a documental, na perspectiva de Michel Foucault; e análise bibliográfica, ancorada no conto machadiano “O Alienista”. A proposição deste ensaio não é apenas uma análise literária em si, o desafio motivou-me ir mais além, e desenvolver uma aproximativa filosófica literária.

A aproximativa desenvolve-se para compreender o que ocasionou a emergência do conto “O Alienista”, torna-se necessário entender que a sociedade brasileira passava por profundas transformações sociais, econômicas, políticas e culturais. A intelectualidade, dessa época, estava fortemente influenciada pela ideia de progresso e pelo espírito cientificista

vigente, por isso, Machado de Assis de uma forma original denuncia e desconstrói ironicamente tais concepções. Com a transição do Brasil Colônia para a fase do Império, Dom Pedro II que incentivou a implementação de novas políticas, voltadas para o “embelezamento” e “higienização” das cidades, nesta perspectiva o conto machadiano pode ser considerado um documento, pois, apresenta uma crítica as ideias ditas “modernas” que circulavam na sociedade da época. Ideias europeias que justificavam o controle social da loucura e a construção de um lócus específico para ela, ou seja, o hospício para os “alienados”.

Le Goff (2013) apresenta dois tipos relevantes de enfoques, que são os documentos e os monumentos, os quais estão relacionados intimamente à memória

tanto a coletiva, quanto a individual, dessa forma, segundo o autor, o monumento remete ao passado, causa recordações e possui sua origem na filologia, em contrapartida o documento corresponde a uma representação de uma memória social, também pode ser questionado, visto que ele pode não ser prova e nem registro neutro do passado, comportando uma politicidade, um recorte de uma determinada conjuntura política e social.

A memória coletiva e sua forma científica, a histórica, aplicam-se a dois tipos de materiais: os *documentos* e os *monumentos*. De fato, o que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam a ciência do passado e do tempo que passa, os historiadores. Estes materiais de memória podem apresentar-se sobre duas formas principais: os *monumentos*, herança do passado, e os documentos, escolha do historiador (LE GOFF, 2013, p. 485).

Os documentos são seletivos, nunca apresentando um caráter real de testemunho de acontecimentos de determinada época, de acordo com Le Goff (2013) “não há história sem documentos”, porque para se fazer a história precisa-se ser documentada, deste modo, existem vários meios de documentá-la, através da oralidade, de atas, fotografias, livros, registros de nascimentos, de óbitos, recibos, poesias, crônicas... e o conto, documento que é o objeto deste estudo. Pode-se dizer, que os documentos se subdividem em oficiais e não oficiais, podem ser também, conhecidos e desconhecidos, pesquisados ou não,

daí a importância de o pesquisador problematizar a relevância desse documento, sua emergência e sua contextualização histórica.

É importante frisar em relação à história documental, que a historiografia oficial sempre deu relevância e legitimação aos documentos escritos, estigmatizando a história oral, já que, nessa concepção, a memória só se torna histórica após ser escrita e perenizada, e posteriormente, estudada por especialistas, ou seja, historiadores e pesquisadores. Muito embora, considerando a importância da história oral, a proposta desta análise histórica e de enfatizar a escolha de um documento materializado na forma escrita, através do conto literário “O Alienista”. Por conseguinte, a história documental comporta uma interpretação, de abordagem sobre os acontecimentos históricos. Conforme Sforzini (2014 apud LEMOS et al., 2015, p. 212):

[...] na pesquisa documental trava-se uma batalha no corpo, marcado pela história de forma a fazer escritas de outras histórias abertas as multiplicidades de maneiras de viver e ser (LEMOS et al., 2015, p. 212)

No que tange a estas problematizações descritas anteriormente, Foucault (apud LEMOS; CARDOSO JUNIOR, 2009) apresenta sua analítica teórica alternativa sobre a continuidade e a descontinuidade, podemos fazer uma relação com a investigação documental, na perspectiva de não buscar uma finalidade histórica que, por sua vez, enfatiza as descontinuidades.

Foucault nos fala que o historiador não deve determinar-se na busca da finalidade da história, considerando o estado atual de composição de forças o ápice de uma evolução; assim como não deveria buscar semelhanças entre os acontecimentos em uma história contínua, com supostas raízes em um passado vivo e no presente (LEMOS; CARDOSO JÚNIOR, 2009, p. 354).

Foucault (2005), nega totalmente a origem de qualquer objeto dentro de uma relação causal, outra forma também a que se opõe o filósofo seria a crítica da linearidade, não havendo a possibilidade de a história comportar uma série de acontecimentos tanto do ponto causal, quanto do ponto de vista finalístico, assim para ele o documento:

[...] estabelece séries, distingue o que é pertinente do que não é, identifica elementos, distingue unidades, descreve relações. O documento, pois, não é mais, para a história essa matéria inerte através da qual ela tenta reconstruir o que os homens fizeram ou

disseram, o que é passado ou que deixa apenas rastros, ela procura definir no próprio tecido documental unidades, conjuntos, séries, relações (FOUCAULT, 2005, p. 07)

Dentre as questões explanadas, a investigação bibliográfica mostra-se como uma estratégia interessante, pois busca levantar e sistematizar a literatura e o estado da arte de uma determinada produção, de um campo específico do conhecimento, encontrados em teses, revistas, artigos científicos, livros, dissertações indexadas em um determinado campo de conhecimento específico, pesquisada de forma direta, em arquivos ou bibliotecas, ou através de meios eletrônicos (internet), de maneira a referenciar os autores dos trabalhos, ano de publicação, editora, país, cidade, e números de páginas.

O conto “O Alienista” como uma análise genealógica em Michel Foucault

Abordando didaticamente a trajetória intelectual de Michel Foucault, alguns estudiosos de sua vasta produção teórica consideram que o filósofo passou por três períodos distintos, a saber: 1. o primeiro é o método arqueológico, preocupando-se com as regras que seguiam as práticas discursivas; 2. no segundo período, Foucault prioriza as práticas sobre as teorias (genealógico); e, por fim, 3. no terceiro, o filósofo enfatiza a imanência do saber-poder e simultaneamente, a produção da subjetividade, ou seja, todo saber produz uma relação de poder e todo poder se estabelece um relação de saber que o legitima, para um determinado controle e intervenção da sociedade (LEMOS, 2007).

Desta forma, compreendemos que a Genealogia opera uma desconstrução do progresso e da continuidade, das relações de poder, contrapondo-se a historiografia tradicional, que privilegia a busca das essências, das origens, das finalidades dos acontecimentos históricos; a genealogia preocupa-se em desconstruir essa concepção de verdade:

Porém, a tarefa do historiador seria estabelecer relações entre os acontecimentos, concebendo-os como um emaranhado de descontinuidades sobrepostas, fazendo os estratos de acontecimentos se multiplicarem. A história seria uma multiplicidade dos tempos e não uma duração única (LEMOS, 2007, p. 19).

Portanto, a Genealogia é uma ferramenta de análise dos acontecimentos históricos que comporta a desconstrução de verdades pré-estabelecidas, assim o trabalho do genealogista corresponde em: “promover um corte, entre uma suposta relação determinista entre a coisa e a palavra que a nomeia, verdades e analisando a relação de saber-poder” (LEMOS, 2007, p.18). Lemos et al. (2015) abordam que a genealogia consiste em apresentar novas interpretações de leituras dos acontecimentos:

Em outras palavras, a genealogia refere-se a um conjunto de procedimentos técnicos utilizados para realizar descrições, análise e problematizações, mas é uma ferramenta usada para explicitar e interrogar determinadas práticas e os seus efeitos cotidianos sobre os corpos e na constituição das relações entre os acontecimentos (LEMOS et al., 2015, p. 210).

Machado de Assis, através do personagem o doutor Simão Bacamarte, no livro “O Alienista”, utilizava a psiquiatria como uma estratégia de disciplinarização da sociedade e a fabricação da docilização dos corpos, ou seja, internar as pessoas para manter o controle total de sua existência. Conforme Machado (2009):

[...] Dividiu-os primeiramente em duas classes principais: os furiosos e os mansos; daí passou a subclasses, monomanias, delírios, alucinações diversas. Isto feito, começou um estudo acurado e contínuo de cada louco, as horas de acesso, as aversões, as simpatias, os gestos, as tendências inquirias da vida dos enfermos, profissão, costumes, circunstâncias da revelação mórbida, acidentes da infância e da mocidade, doenças de outras espécies, antecedentes da família, uma devassa, enfim, como a não faria o mais atilado corregedor (ASSIS, 2009, p. 13).

A utilização das relações de poder do doutor Simão Bacamarte, do seu saber, o legitimava manter o poder sobre os recolhidos que eram gradativa e compulsoriamente internados na Casa Verde, por meio das práticas autoritárias, por um saber especializado da medicina clínica, ancorado empreendeu um novo modelo de exclusão e de inserção dos considerados “loucos de Itaguaí” na Casa Verde, já que a loucura estimulada por esse discurso era considerada como um empecilho que deveria ser erradicada da sociedade. Desta forma, assim

apresenta Machado (2009), na relação saber-poder psiquiátrico analisada anteriormente.

Ciúmes? Mas como explicar que, logo em seguida, fossem recolhidos José Borges do Couto Leme, pessoa estimável, o Chico das cambaias, folgazão eméritos, o escrívão Fabrício e ainda outros? O terror acentuou-se. Não se sabia quem estava são, nem quem estava doido (ASSIS, 2009, p. 28).

Já Foucault (1986), em seu livro “Vigiar e Punir”, descreve o processo de disciplinarização da sociedade, mostrando a disciplina nos quartéis, colégio e, posteriormente, nos hospitais psiquiátricos, a disciplina consiste nas técnicas de ordenamento, enclausuramento, docilização dos corpos em locais heterogêneos e específicos.

A disciplina procede em primeiro lugar à distribuição dos indivíduos no espaço. A disciplina exige a cerca, a especificação de um local heterogêneo e todos os outros fechados em si mesmos. Local protegido da monotonia disciplinar. Colégios O internato aparece como o regime de educação senão o mais frequente, pelo menos o mais perfeito. Quartéis, é preciso fixar o exército, essa massa vagabunda, impedir as pilhagens e as violências, acalmar os habitantes, que suportam mal as tropas das passagens (FOUCAULT, 1986, p. 130).

Quanto a Machado de Assis, este descreve o processo de resistência e da desdisciplinarização, da ordem do discurso do poder psiquiátrico, encarnado na figura ficcional do doutor Simão Bacamarte, visto que onde há poder, há resistência e uma possibilidade de se opor a concepção de normalização da sociedade, crítica ao poder da psiquiatria, que perpassa as motivações científicas, políticas e econômicas, sendo que a “câmara pagava ao alienista” (ASSIS, 2009).

Machado de Assis apresenta diversas críticas à sociedade vigente da época, a exemplo das relações monetárias e a psiquiatria como um dispositivo normalizador das relações sociais, como é descrito pelo autor:

Cerca de trinta pessoas ligaram-se ao barbeiro, redigiram e levaram a uma representação a câmara. A câmara, recusou a câmara recusou aceitá-la, declarando que a Casa Verde era instituição pública, e que a ciência não

podia ser emendada por votação administrativa, menos ainda por movimentos de rua. A irritação dos agitadores foi enorme. O barbeiro declarou que iam dali levantar a bandeira da rebelião e destruir a Casa Verde; que Itaguaí não podia continuar a servir de cadáver aos estudos e experiências de um déspotas; que muitas pessoas estimáveis e algumas distintas, outras humildes mas dignas de apreço, jaziam nos cubículos da Casa Verde; que o despotismo científico do alienista complicava-se do espírito de ganância, vistos que os loucos ou supostos tais não eram tratados de graça: as famílias e em câmara pagavam ao alienista... (ASSIS, 2009, p. 30).

Simão Bacamarte reconhece seus equívocos e os limites a que chegou o seu pretense saber, balizado por uma ordem de discurso totalizante sobre a doença mental, que não teria outra forma de compreender a loucura se ele mesmo se tornasse sujeito e objeto de sua prática de saber-poder. Como é expresso no seguinte fragmento do livro “O Alienista”.

Era decisivo. Simão Bacamarte curvou a cabeça juntamente alegre e triste, e ainda mais alegre que triste. Ato contínuo, recolheu-se a Casa Verde. Em vão as mulheres e os amigos lhe disseram que ficasse, que estava perfeitamente são e equilibrado: nem rogos, nem sugestões, nem lágrimas o detiveram um só instante. – A questão é científica dizia ele. – Trata-se de uma doutrina nova, cujo primeiro exemplo sou eu. Reúno em mim a teoria e a prática (ASSIS, 2009, p. 56-57).

Nesta seção a abordagem Genealógica de Michel Foucault, faz-se necessária para a literatura machadiana, pois serve como um instrumento de análise de acontecimentos históricos, justifica-se sua finalidade para este ensaio, por se tratar de uma análise de cunho histórico ao usar como objeto de investigação um conto “O Alienista”, elaborado para tratar de uma questão pertencente ao século XIX, distante do tempo presente,

De modo que, como vocês estão vendo, o instrumento pelo qual se reduz a loucura esse suplemento de poder acrescentado à realidade para que ela domine a loucura, esse instrumento é ao mesmo tempo o critério de cura, ou então o critério de cura é o instrumento pela qual se cura. Logo, pode-se dizer que há uma grande tautologia asilar na medida em que o asilo é o que deve proporcionar uma intensidade suplementar à realidade e, ao mesmo tempo, o asilo é a realidade em seu poder nu, é a realidade medicalmente intensificada, é a ação médica. (FOUCAULT, 2006, p. 206)

À vista disso, a obra literária “O Alienista” e a discussão de disciplinarização dos corpos por Foucault (1886) em “Vigiar e Punir” (1974) e “O Poder Psiquiátrico”, aproximam-se e promovem reflexões importantes e atemporais sobre a loucura, os sujeitos considerados loucos e a terapia usada para ajudá-los. Apresentada com maior detalhamento nas próximas seções.

MACHADO DE ASSIS VIDA E PRODUÇÃO LITERÁRIA

Joaquim Maria Machado de Assis nasceu em 21 de janeiro de 1829, na cidade do Rio de Janeiro e faleceu em 29 de setembro de 1908 na mesma cidade. Casou-se em 1869 com Carolina Augusta Xavier de Novais. A área da literatura e afins o considera como escritor que possui duas estéticas: 1. A primeira romântica e a 2. segunda realista. Nesta última, o autor apresenta um “amadurecimento intelectual”, um “rebuscamento” de suas produções literárias, fato característico dos poetas e escritores que se dedicam em aperfeiçoar seus escritos, deste modo Pereira (1936, p. 90) “o romantismo foi, a seu modo, uma mística, a mística do individualismo. E Machado, se algum tempo se deixou dominar por ele, logo o abandonou, e sempre, nele, esteve a contra-gosto.” Sua primeira publicação foi “Crisálidas” (1864), coletânea de poesias, e “Falenas” (1870), em seguida publicou “Contos Fluminenses” (1880) e “Histórias da Meia-Noite” (1873). Os romances “Ressurreição” (1872), “A mão e a luva” (1874), “Helena” (1876) e “Iaiá Garcia” (1878) são considerados como pertencentes ao seu período romântico, passando pelo “Indianismo em Americanas” (1875), e o “Parnasianismo em Ocidentais” (1897-1880). Em 1890 Machado de Assis entra para a Secretaria de Agricultura do Rio de Janeiro “[...] como que se estabilizou. Terminára a subida violenta, o rapido movimento de baixo para cima que esse tímido soube imprimir á existência.” (sic) (PEREIRA, 1936, p. 159)

Em sua segunda fase, conhecida com Realista, Machado de Assis aborda diversas questões voltadas para o âmbito social e político, demonstradas nos comportamentos de seus personagens. Em seus textos, o autor transparece uma visão realista e profunda do psiquismo humano, apresentando personagens transgressores, que não cumprem as singularidades existenciais, isto é, as convenções sociais. As produções de maior destaque nessa fase são: “Memórias Póstumas de Brás Cubas” (1881), “Papéis Avulsos” (1882), “Histórias Sem Data” (1884), “Quincas Borba” (1891), “Várias Histórias” (1896), “Páginas Recolhidas” (1899), “Dom Casmurro” (1900), “Esaú e Jacó” (1904) e “Memorial de Aires” (1908). Os contos mais relevantes são: “Missa do Galo” (1899), “O Espelho” (1882) e “O Alienista” (1881). Escreveu também poemas, crônicas

sobre o cotidiano, peças de teatro, críticas literárias e teatrais. Assim, compreende-se que “com a publicação de *Memórias Postumas de Braz Cubas* e dos primeiros *Cantos Ocidentais*, nome que a princípio deu às *Ocidentais*, atingiu Machado de Assis a culminância da sua carreira.” (sic) (PEREIRA, 1936, p. 201), com isso, alcançou o ápice de sua carreira sendo assim, adquirindo a maturidade intelectual.

Machado de Assis é conhecido pela expressão “O Bruxo do Cosme Velho”, Carlos Drummond de Andrade, autor do movimento literário conhecido como Modernismo, escreveu um poema intitulado “Ao Bruxo, com Amor” (1959), no livro “*A Vida Passada a Limpo*”, o qual dedicou a Machado de Assis. Segundo alguns estudiosos, “bruxo” por causa da forma como Machado trabalhou seus personagens: Mariana (*Contos Avulsos* 1871), Lobo Neves, Marcela (*Memória Póstuma de Brás Cubas* 1880), esses são alguns dos personagens que o autor cita em seu poema, para elogiar o gênio da nossa literatura.

Cosme Velho diz respeito ao bairro que Assis morava na cidade do Rio de Janeiro, “Em certa casa da Rua Cosme Velho”, no início do poema, Drummond evidencia esse fato. Assis é considerado gênio, pela originalidade de seus escritos, está inserido no cânone literário brasileiro por suas excelentes produções literárias. Ao se tratar de sua vida pessoal, Pereira (1936) aponta que:

Mais ou menos ao tempo da sua entrada para o Diário deve Machado, melhorados os seus recursos financeiros, se ter mudado de S. Cristovão para o centro da cidade, indo provavelmente morar com Ramos Paz. [...] Começava a fazer nome, grangeava entre os moços da época uma situação de destaque, e até o seu grande inimigo, a epilepsia, parece ter-se abrandado um pouco, dando-lhe maiores treguas. Melhorada a saúde, aumentados os recursos financeiros, em ascensão a posição social, Machado conheceu afinal a paz, a alegria de viver. O futuro se abria, cheio de promessas, diante do seu talento e da sua firme vontade de vencer. (sic) (p. 95, 96 – 97).

A sociedade brasileira, do século XIX, passava por mudanças significativas tanto nas artes, quanto na literatura, como também na medicina, recebendo influências dos movimentos estéticos, literários e científicos europeus, por isso, dentre outros aspectos, essa produção literária faz uma abordagem sobre a emergência da psiquiatria na sociedade brasileira.

De um lado, a literatura é uma forma de expressão artística, que visa várias vertentes estéticas: expressar o belo, entreter, difundir ideias e fazer denúncias sociais; por outro lado, a loucura é considerada uma patologia social, que está para fins médicos, para tratamentos psiquiátricos e exclusão social, contudo, Assis apresenta uma associação, entre essas duas linhas distintas, complexas, belas e inquietantes que se aproximam e se fundem, promovendo um entrelaçamento, uma estreita relação. Nesta perspectiva, buscou-se uma análise aproximativa entre a literatura e psiquiatria, tendo por temática a loucura e seus desdobramentos na sociedade brasileira, especificamente a carioca do século XIX.

Esta é uma elaboração literária intrigante, que está para além de uma denúncia social, está por promover incômodo ao leitor pelo fato de querer compreender como se dá esse processo da loucura e da razão, apresentada no Conto em análise. A narrativa de “O Alienista” nos apresenta Dr. Bacamarte como alguém que deveria ser o lúcido, mas, por fim, termina louco; essa reflexão apresentada por Assis é muito interessante e inquietadora, como o personagem mais lúcido tornou-se louco? Por quê? Buscamos assim, por meio de tais questionamentos refletir sobre as questões apresentadas neste trabalho.

“O Alienista” foi publicado inicialmente em 1881, e em seguida em “Papéis Avulsos” compreende o enredo: aborda a história do personagem ficcional o Dr. Simão Bacamarte, médico que estudou no exterior, especificamente em Portugal, depois de formado, retorna para o Brasil, para a cidade de Itaguaí no Rio de Janeiro, ele chega com planos revolucionários de construir uma casa para cuidar de loucos, o objetivo principal era aprimorar seus estudos sobre a loucura e esse local, a Casa Verde como ficou conhecido, seria seu laboratório e as pessoas loucas as suas cobaias.

O Dr. Simão Bacamarte buscou se apropriar dos dispositivos para entender a psiquiatria, queria compreender essa dicotomia entre razão/loucura, decidiu estudá-la, perceber seus caminhos, suas manifestações e uma possível cura para essa questão. A Casa Verde seria seu laboratório, ou seja, seu lugar de observação, estudos e experiências, e de onde seria também elaborado e disseminado um dispositivo terapêutico para a loucura, já considerada nessa

época um problema social. No desenrolar da narrativa, o médico foi tão a fundo em seus experimentos que, por fim, decidiu se “autointernar”, para compreender melhor como era estar no papel de louco, tornou-se o objeto de suas próprias pesquisas. Bacamarte estava determinado a desvendar os segredos ocultos da loucura, por isso, tomou tal atitude, contudo, não foi possível concluir seus estudos, morreu antes mesmo de concluí-los.

A narrativa de cunho realista traz a famosa e conhecida estética literária da segunda fase da produção machadiana, que é caracterizada pela presença marcante de ironias, é uma produção atemporal e ficcional do século XIX, no entanto, proporciona uma contemporaneidade sem igual. Nessa abordagem loucura/razão que perdura há séculos. É uma das produções mais relevantes do autor. Machado é um autor completo, ele faz críticas sociais, apresenta ironias, é audacioso ao fazer uma abordagem de uma patologia, criticando os surgimentos dos primeiros manicômios, que possuem vários nomes, como asilos e hospitais psiquiátricos.

O Doutor Simão Bacamarte, ao pensar em constituir sua família, instituição importante para uma sociedade conservadora do século XIX, e, não obstante diferente atualmente, outrossim não levou em consideração outros aspectos para a escolha de sua esposa, poderia escolher uma mulher bela e formosa, por exemplo, no entanto, escolheu a senhora que “não era bonita, nem simpática” (ASSIS, 2009), essas características físicas não são muitos interessantes, entretanto, escolheu uma pessoa que pudessem lhe dar filhos fortes, pensando já em usá-los em seus experimentos, usá-los como cobaias em suas experimentações.

“O Alienista” e o dispositivo do saber e do poder segundo Michel Foucault

A partir desse tópico, empreendermos um breve estudo sobre o dispositivo foucaultiano do saber-poder, abordando a temática da loucura embasada na psiquiatria clínica encontrada no conto machadiano “O Alienista”. O referido conto apresenta de forma irônica e crítica à questão do cientificismo, crença que tudo pode ser explicado através da ciência, à luz da razão: “Mas a ciência tem o inefável dom de curar todas as mágoas” (ASSIS, 2009). Já que a

ciência é dotada de um discurso que a legitima, apresenta assim, uma delimitação e um discurso científico entre a razão e a loucura.

O protagonista da história é o Dr. Simão Bacamarte, renomado médico brasileiro, de Portugal e das Espanhas [sic], estudou em Coimbra e Pádua (ASSIS, 2009). Elegeu a loucura como objeto de estudo e a mente e o comportamento das pessoas seu principal laboratório, buscou: “estudar profundamente a loucura, descobrir enfim a causa do fenômeno e o remédio universal” (ASSIS, 2009). Até o presente momento, as crônicas da Vila de Itaguaí não tinham registrado alguém interessado em estudar essa patologia classificada como loucura.

A relação de saber-poder apresentada por Michel Foucault, evidencia-se bem no conto à medida que, o Dr. Simão Bacamarte por possuir um saber, a medicina psiquiátrica, conseqüentemente adquiriu o poder de recolher aqueles que determinava através de um diagnóstico médico, que não estavam com boa saúde mental, através de uma prévia avaliação clínica.

Foram recolhidos a casa Verde José Borges do Couto Leme, pessoa estimável, o Chico das cambraias, folgozão emérito, o escrivão Fabrício e ainda outros? O terror acentuou-se. Não se sabia quem estava são, nem quem estava doido (ASSIS, 2009, p. 28).

Em consequência a esses recolhimentos de forma arbitrária e desordenada, ocorreu a revolta das canjicas, liderada pelo barbeiro Porfírio, cerca de trezentas pessoas, que não aceitaram os desmandos do alienista, foram à câmara reivindicar seus direitos, suas reivindicações se pautaram no fechamento da Casa Verde. Observamos nesse momento a resistência e articulação dos moradores da pacata Itaguaí, em um momento de luta e resistência que acarretou “onze mortes e cinco feridos” (ASSIS, 2009).

O saber e o poder de Michel Foucault são apresentados nesta seção por meio da análise da figura do personagem Dr. Simão Bacamarte, por ser o único na ocasião que detinha o saber sobre os distúrbios da mente humana, tudo que o médico falava era aceito como verdades absolutas, com isso lhe foi legitimado o poder de decidir o que seria a razão e a loucura, com suas respectivas caracterizações e limites. Qualquer pessoa que questionasse esse poder era considerada louca, desajuizada e desordeira, era imediatamente recolhida para

algum dos vários “cubículos” da Casa Verde, onde era despossuído dos seus modos de existência, da sua singularidade, e da sua dignidade, por isso, muitos se calavam, assujeitando-se gradativamente ao poder psiquiátrico e assumindo lentamente nova identidade de louco, o qual o Dr. Bacamarte detinha no momento.

A questão do poder presente no conto de Machado de Assis, aqui comentada, está frequentemente associada à questão do poder inerente aos estudos foucaultianos acerca do tema. Como visto anteriormente, Foucault nunca se preocupou em elaborar um conceito de poder, sobretudo, questioná-lo, colocando-o como um “fabricante” de verdades, trazendo a superfície os seus aspectos positivos e produtivos.

Partindo desse pressuposto, torna-se possível encontrar na produção machadiana os aspectos que demonstram esse poder que produz a verdade na figura de seu personagem principal, o Dr. Simão Bacamarte, que em virtude de seu conhecimento médico e psiquiátrico, passou a teorizar como se determinaria a loucura e qual a terapêutica a ser aplicada individualmente. Por conseguinte, o seu comportamento era legitimado por ser o detentor de um saber necessário, juntamente ao seu vasto saber clínico adquirido em Coimbra e Pádua, o que lhe conferia o status de ser o maior dos médicos.

A relação estabelecida por Michel Foucault nos convida a refletir sobre os acontecimentos na vila Itaguaí, onde apenas uma pessoa detinha o saber e conseqüentemente o poder sobre os comportamentos “desviantes” das pessoas daquele lugar, como já observamos na narrativa em análise, a loucura enquanto acontecimento social, não era motivo de preocupação dos habitantes da referida localidade, isto posto, permitiu que o doutor Simão Bacamarte se apropriasse de maneira total da referida situação com a justificativa de nomear e classificar a loucura, entendê-la e propor uma cura, de modo que, “a razão é o perfeito equilíbrio de todas as faculdades, fora daí é insânia, e só insânia” (ASSIS, 2009), logo, não havia ninguém que detivesse o poder para tanto. Os loucos viviam soltos, freneticamente livres e não havia naquela simplória cidade quem se atrevesse a curá-los, a não ser o doutor Simão Bacamarte.

O primeiro, era um falcão, rapaz de vinte e cinco anos, supunha-se estrela-d'alva, abria os braços e alargava as pernas, para dar-lhe certa feição de raios, e ficava assim horas esquecidas a perguntar se o sol já tinha saído para ele se recolher. O outro andava sempre, sempre, sempre, à roda das salas ou do pátio, ao longo dos corredores, à procura do fim do mundo. Era um desgraçado, a quem a mulher o deixou por seguir um peravilho. Mal descobrira a fuga, armou-se de uma garrucha, e saiu-lhe no encalço; achou-se duas horas depois, ao pé de uma lagoa, matou-a a ambos com os maiores crueldade. O ciúme satisfiz-se, mas o vingado estava louco. E então começou aquela insânia de ir ao fim do mundo à cata de fugitivos loucos (ASSIS, 2009, p. 11-12).

A intimação relação entre saber-poder era assumida pelo personagem do Dr. Simão Bacamarte, como uma verdade universal, absoluta e inquestionável, porque detinha o total conhecimento sobre a psique humana, pelo seu status social de médico que estudou no exterior, conferindo-lhe um imenso respeito e prestígio científico, social e político. Nessa relação que o poder sempre gera resistência, o controle social do doutor Simão Bacamarte sobre a população de Itaguaí não era absoluto, tanto que gerou uma resistência a suas ideias e práticas terapêuticas por uma parcela da população itaguaiense, apresentada no conto como a Revolta dos Canjicas,

O barbeiro tornou logo a si e, agitando o chapéu convidou os amigos à demolição da Casa Verde... – Meus amigos, lutemos até o fim! A salvação de Itaguaí está nas vossas mãos dignas e heroicas. Destruamos os cárceres de vossos filhos e pais, de vossas mães e irmãs, de vossos parentes e amigos, e de vós mesmos. Ou morrereis de pão e água, talvez a chicote, na masmorra daquele indigno... [...] Era a revolta que tornava a si da ligeira síncope ameaçava arrasar a casa verde... [...] A derrota dos Canjicas estava iminente quando um terço dos dragões, qualquer que fosse o motivo as crônicas não o declaram, passou para o lado da rebelião (ASSIS, 2009, p. 34-35).

Após vencer as resistências da parcela dos revoltosos de Itaguaí, o doutor Simão Bacamarte volta a se restabelecer politicamente, dando prosseguimento aos seus trabalhos de internamento na Casa Verde, a qual cada vez mais legitima o seu poder de internar todos os que ousassem desafiar seu poder, ele pouco a pouco vai minando a resistência dos dissidentes, instalando um regime de opressão e terror na pacata localidade, o saber constituiria os fundamentos para a legitimação do poder médico em classificar a doença “loucura” e encontrar o remédio para a insânia, ou seja, perda da razão.

A partir de então, o doutor Simão Bacamarte com a presunção de ser um grande conhecedor da psiquiatria, um saber e uma prática, até então,

desconhecida naquele lugar, propõe construir um local específico com duas finalidades: a de estudo sobre a loucura, e de colocar em prática todo um arsenal terapêutico respaldado pelos seus longos anos de estudo na Europa, com intuito de curar os doentes mentais e reestabelecer o equilíbrio social dos recolhidos na Casa Verde.

Dali foi à câmara, onde os vereadores debatiam as propostas, e defendeu-a com tanta eloquência, que a maioria resolveu autorizá-lo ao que pedira... [...] uma vez empossado da licença começou logo a construir a casa. Era na Rua Nova, a mais bela rua de Itaguaí naquele tempo; tinha cinquenta janelas por lado, um pátio no centro, e numerosos cubículos para os hóspedes... [...] A casa verde foi o nome dado ao asilo, por alusão à cor das janelas, que pela primeira vez apareciam verdes em Itaguaí. Inaugurou-se com imensa pompa; de todas as vilas e povoações próximas, e até remotas, e da própria cidade do Rio de Janeiro, correu gente para assistir às cerimônias que duraram sete dias (ASSIS, 2009, p. 10-11).

Segundo Azevedo (2009, p. 40), a referida instituição expressa o claro exercício do poder nas microrrelações sociais, ponto de partida da genealogia foucaultiana. Desta forma, Michel Foucault chega à conclusão de que a instituição asilar é o lócus, onde a loucura se realiza em razão do poder psiquiátrico exercido pelo médico, cujo domínio do saber da psiquiatria lhe autoriza a prática terapêutica. Portanto, a internação dos indivíduos dentro do hospício se faz necessária para justificar as vigilâncias dos doentes, servindo também dispositivos de observação com a finalidade de combater os sintomas da loucura, a qual só é possível através do internamento.

Além de ser um local de inquérito e inspeção, para Foucault em “O Poder Psiquiátrico”, é concebida da seguinte maneira:

A instituição asilar em si [...] tem efetivamente por função e por efeito suprimir, não digo a loucura, mas os sintomas da loucura, ao mesmo tempo em que o poder psiquiátrico que se excede no interior e que fixa os indivíduos no asilo tem por função realizar a loucura (FOUCAULT, 2006, p. 323 apud AZEVEDO, 2009, p.41).

Outras temáticas sobre a óticas da loucura foram desenvolvidas, sobre diversas perspectivas, bem como nas subáreas como artes, e clínica médica, trago como referência conceitos apresentados Lima e Pelbart (2007), que citam Machado de Assis e o conto “O Alienista” para demonstrar a prática da psiquiatria em seu início,

Além disso, o tema da loucura, o lugar que essa experiência ocupava na sociedade de seu tempo, as tênues fronteiras que a separavam da razão, mas também a exploração de singularidades e pequenas diferenças foram uma preocupação constante do escritor. No conto “O alienista”, o centro temático é justamente a discussão em torno da norma, de sua existência, de sua busca, da delimitação entre loucura e razão. Através desse conto, a literatura nos oferece uma análise precisa e contundente, mas também extremamente satírica e irônica, do que era a prática psiquiátrica em seu início. Com seu interesse pela exploração da alma humana, sua fineza e leveza no trato das questões mais complexas, Machado de Assis foi capaz de revelar certas experiências da loucura e descortinar os mecanismos de poder em jogo nas relações entre o Estado e a ciência psiquiátrica (LIMA; PELBART, p. 714, 2007).

Os autores, explanam a situação da loucura e como era entendida no Brasil quando Machado de Assis viveu, desta maneira, a literatura foi uma opção interessante de denúncia social, a modo que se refletisse sobre a “loucura e a razão”. Bem como, Le Goff (2013) os documentos são partes intrínseca da história. Observa-se que toda essa questão é reproduzida no conto literário “O Alienista”, a partir do internamento dos declarados loucos pelo alienista que, lançando mão do poder que tem, então, determina aqueles que necessitam de tratamento psiquiátrico dentro da Casa Verde. Este é o local onde a loucura se manifestará para observação e investigação constantes do doutor Bacamarte aos internos, empreendendo as classificações de cada mal, conforme a sintomatologia apresentada:

Desonerada da administração, o alienista procedeu a uma vasta classificação de seus enfermos. Dividiu-os primeiramente em duas classes principais: os furiosos e os mansos, daí passou às subclasses, monomanias, delírios, alucinações diversas. Isto feito, começou u estudo acurado e contínuo, analisava os hábitos de cada loucos, as horas de acessos, as aversões, as simpatias, as palavras, os gestos, as tendências, inquiria da vida dos enfermos, profissão, costumes, circunstancia [sic] da revelação mórbida, acidente da infância e da mocidade, doenças de outras espécies, antecedentes na família, uma devassa, enfim, como a não faria o mais atilado carregador (ASSIS, 2009, p.13).

Novamente, Machado de Assis desconstrói a estrutura do saber científico, em que o poder se firma. Esse é o respaldo que o alienista tem para autoafirmar a sua capacidade sobre a racionalidade humana, além de estabelecer divisões e limites conforme os sintomas que os declarados loucos apresentam da sua história de vida.

Michel Foucault, em seu livro “Vigiar e Punir” (1986), apresenta uma análise dos mecanismos de normalização da sociedade através de instituições totais, o que nos possibilitou compreender o funcionamento da Casa Verde, sua missão e seus objetivos na sociedade da época, como é expresso no capítulo V, “O Terror” do livro “O Alienista”, quando o doutor Simão Bacamarte começa a internar gradativamente e sem nenhum critério justificável, inclusive internando os que aparentemente detinham a normalidade comportamental, promovendo terrível terror nos moradores da vila, como podemos verificar no excerto a seguir:

- A proposito de Casa Verde – disse o padre Lopes escorregando habitualmente para o assunto da ocasião – a senhora vem achar muito cheia de gente.
- Sim?
- O Albardeiro?
- O Albardeiro; está o Costa, a prima do Costa, e fulano, e Sicrano, e ...
- Tudo isso de doido – obtemperou o padre.
- Mas então?
- [...] D. Evarista achou realmente extraordinário que toda aquela gente ensandecesse, um ou outro, vá, mas todos? (ASSIS, 2009, p. 26)

A Casa Verde pretendia ser um local de referência para a internação de todas aquelas pessoas que apresentassem qualquer desvio comportamental das condutas sociais e, conseqüentemente, ali seria o local ideal onde essas pessoas adquiririam novamente o seu reequilíbrio emocional, físico e social, para voltarem “curadas” ao convívio social e comunitário da vila de Itaguaí. A priori, essa seria a finalidade principal dessa instituição, porém, como notamos no decorrer desta seção, esse local tornou-se um local apenas de assujeitamento, cronificação por meio de um longo processo de isolamento e exclusão social, o que analisamos com maior profundidade na terceira seção a seguir.

CONSTITUIÇÃO DO MODELO DE HOSPITAL PSIQUIÁTRICO

Nesta seção abordamos uma sucinta compreensão da trajetória histórica sobre a loucura, por meio de Machado de Assis, sobre a ótica de Michel Foucault, de modo que:

Mas, ao longo do século XVII, o que Foucault (1995) chamou de experiência trágica da loucura foi sendo relegado à penumbra, dando lugar privilegiado a uma consciência crítica da loucura. Esta passou a ser percebida não mais como uma estranheza familiar do mundo, mas no horizonte social da pobreza, da incapacidade para o trabalho, da impossibilidade de integrar-se ao grupo e por fim como doença mental (p.78). Foi o nascimento da experiência clássica da loucura que a reduziu ao silêncio. (LIMA; PELBART, p. 712, 2007).

A loucura, ou “doença mental”, assim como apresentada por Lima e Pelbart (2007), do mesmo modo convencionalmente é descrita no dicionário Aurélio (1986) como um distúrbio, uma alteração mental, uma disfunção de comportamentos, caracterizado pelo afastamento mais ou menos prolongado do indivíduo dos seus jeitos habituais de pensar, sentir e agir, podendo ser também, um sentimento ou sensação que escapa ao controle da razão.

Segundo Ricci e Nascimento (2009), na Idade Média, os considerados loucos possuíam certa liberdade, estavam inseridos na sociedade e dessa forma mantinham uma relação de sociabilidade, sem nenhum tipo de estigmatização social, estavam, portanto, livres de certas tentativas de internação ou exclusão. Contudo, historicamente as sociedades sempre tiveram modos diferenciados de conviver e de expressar tolerância à loucura, desde a antiguidade a medicina vigente na época se preocupou em enquadrar a loucura em determinados parâmetros. A partir do momento em que a psiquiatria se estabelece em bases das enfermidades, ela elabora uma série de estratégias e dispositivos para o controle social e político da doença mental. Com o advento da Revolução Francesa, a separação entre a loucura e razão começa a se tornar mais evidente, um dos acontecimentos mais impactante foi à libertação dos loucos acorrentados no Hospital de Bicêtre, na França em 1794, por Pinel Filho “Sintonizado com ideais revolucionários franceses preconizou o tratamento

moral para os alienados e desacorrentou os loucos em Paris” (BRASIL, 2008, p, 07)

Este acontecimento é de suma importância, por estabelecer pela primeira vez a cientificidade do saber psiquiátrico que vai fixar os limites entre a razão e a loucura, os seus contornos definitivos e suas manifestações nos indivíduos, isto confere um poder quase absoluto ao psiquiatra que, através de sua estratégia de intervenção sobre a sociedade, irá definir os que são sadios, lúcidos, produtivos e equilibrados, dos que são insanos, improdutivos e desequilibrados. Entretanto, embasando-se em uma leitura antropológica da doença mental, relativiza-a, visto que o acontecimento doença só é possível em uma emergência inserida dentro de uma cultura que a reconhece como tal.

Com o advento da Revolução Industrial, do capitalismo e da sociedade capitalista moderna, estabelece-se a cultura da produtividade do sucesso individualizado, logo, os valores humanos se balizam no sentido existencialista de ter e não ser, em virtude disso, as pessoas que não respondem ao ideal do espírito capitalista de produtividade, de competitividade, são consideradas loucas, por se oporem à resistência desse novo modelo de cultura desumanizante.

Ademais, elaboraram-se todas as condições possíveis para a emergência e a legitimação da psiquiatria como um conjunto de saberes respeitável e o estabelecimento do hospital psiquiátrico como lócus de internação e segregação social, tal como conhecemos ainda hoje. Desta forma, Foucault (1986) descreve o nascimento e, posteriormente, a casa dos loucos. Em relação ao nascimento do hospital, Foucault ressalta que:

O hospital como instrumento terapêutico é uma invenção relativamente nova, que data do final do século XVIII. A consciência de que o hospital pode e deve ser um instrumento destinado a curar aparece claramente em torno de 1780 e é assinalada por uma nova prática: a visita e a observação sistemática e comparada dos hospitais. Houve na Europa uma série de viagens, entre os quais podemos destacar a de Howard, inglês que percorreu hospitais, prisões e lazaretos da Europa, entre 1775/ 1780 e a do francês Tenon, a pedido da *Academia de Ciências*, no momento em que se colocava o problema da reconstrução do **Hôtel-Dieu de Paris**. Sua finalidade é definir, depois do inquérito, um programa de reforma e reconstrução dos hospitais. [...] “São os hospitais existentes que devem se pronunciar sobre os méritos ou defeitos do novo hospital” [...] O hospital- deixa de ser uma simples

figura arquitetônica. Ele agora faz parte de um fato médico-hospitalar que se deve estudar como são estudados os climas, as doenças, etc. (FOUCAULT, 1986, p. 99-100).

Segundo Foucault (1986), no século XVIII, os hospitais surgem como instituições não somente para se obter a cura de doenças que poderiam ocasionar possíveis contágios, mas como instituição assistencialista aos pobres, para amparar de forma material e espiritual os socialmente excluídos; o hospital, por sua vez, era instituição de poder associado ao Estado para proteger as sociedades de possíveis perigos que os doentes poderiam causar a outrem.

A Casa dos Loucos assume uma forma e um papel muito interessante, pouco a pouco ela vai assumindo a missão da produção da verdade, e esta verdade possui um caráter universal, o qual se inicia e estabelece três fundamentos principais nesse processo. De acordo com Foucault (1986):

[...] O estabelecimento e a generalização do procedimento do inquérito na prática política, civil ou religiosa. Procedimento cujo resultado é determinado pelas concordâncias de vários indivíduos sobre os fatos, o acontecimento, um costume que passam então a ser considerados como notório, isto é, podendo e devendo ser reconhecidos. [...] a forma jurídica política do inquérito é correlata ao desenvolvimento do Estado e à alenta a aparição, nos séculos XII e XIII de um novo tipo de poder político [...] o inquérito é um tipo de poder-saber essencialmente administrativo. O segundo grande momento se situaria na época em que este procedimento jurídico-político pode se incorporar a uma tecnologia que permitia o inquérito sobre a natureza. Tecnologia que não é mais aquela dos instrumentos destinados à localização, a aceleração e amadurecimento da verdade, mas as dos instrumentos que devem aprendê-la em qualquer tempo e lugar. Enfim, terceiro momento nos últimos anos do século XIII quando no elemento da verdade constatada por instrumentos possuidores de função universal, a química e a eletricidade permitiram que fenômenos fossem produzidos [...] produzir fenômenos numa aparelhagem de laboratório não é o mesmo que suscitar ritualmente o acontecimento da verdade. É uma maneira de constatar uma verdade através de uma técnica cujas entradas são universais. A partir daí, a produção de verdade tomou a forma da produção de fenômenos constatáveis por todos os sujeitos do conhecimento (FOUCAULT, 1986, p. 116-117).

Quanto à prática do internamento, segundo Foucault (1986), teve início no século XIX e coincidi justamente com o período em que a loucura é reconhecida menos pela relação ao erro do que em relação à conduta considerada regular e normal, momento este em que ela não se configura mais como julgamento perturbado, mas como desordem na maneira de agir de desejar, de sentir paixões de possuir autonomia para tomar decisões e ser livre.

Foucault questiona, então, qual seria o novo papel do asilo neste movimento retroativo das condutas regulares, seguramente ele terá seu começo baseado na função que confiava aos hospitais ao fim do século XVIII, permitia a descoberta da verdade da doença mental, excluir aquilo que no meio do doente possa mascará-la, confundi-la e assumir formas estranhas, também estimulá-la. A Casa dos Loucos muito mais do que um lugar de redescobertas da doença mental, passa a ser um lócus de confronto. A loucura, a vontade perturbada, a paixão pervertida devem assumir vontades submissas.

Portanto, compreende-se que “A Casa dos Loucos” exerce um papel conferido pelo espírito cientificista e racionalista do período, que é retirar do seio da sociedade os indesejáveis, os improdutivos, os diferentes nos seus modos de existências e tentar assujeitá-los a um modelo de comportamento adaptável, equilibrável, previsível e, talvez, feliz.

O movimento da luta antimanicomial no Brasil: uma síntese histórica

O movimento da luta antimanicomial do Brasil empreendeu uma resistência histórica, ética, social e política no que concerne à desinstitucionalização de todo um sistema hospitalocêntrico, psiquiátrico, obsoleto, arcaico, e cronificador dos chamados doentes mentais, além de propor desconstruir os saberes e os poderes dos discursos e práticas que reduziam a loucura como doença mental. Como vimos na segunda seção, esse movimento tem raízes profundas na produção literária de Machado de Assis, que através do conto “O Alienista”, de forma original e pioneira, no século XIX, já denunciava o discurso psiquiátrico vigente na época como pretensamente científico.

Machado de Assis, em seu conto, denunciava a loucura como socialmente produzida pelas contradições de uma sociedade brasileira que já se estruturava perversamente em privilégios de classes sociais e, conseqüentemente, produzia a exclusão dos pobres, negros, inválidos e dos improdutivos, que estavam prontamente disponíveis a serem internados na Casa Verde, instituição que está muito longe de cumprir seu papel terapêutico, pois estava a serviço de outros interesses alheios aos dos excluídos, ou seja, interesses econômicos e políticos

da elite. Desta forma, Machado de Assis (2009) apresenta de forma irônica o pretense papel filantrópico da Casa Verde:

[...] O despotismo científico do Alienista complicava-se do espírito de ganância, vistos que os loucos ou supostos tais não eram tratados de graça: as famílias e em falta delas a câmara pagava ao alienista... [...] O barbeiro depois de alguns instantes de concentração, declarou que estava investido de um mandato público e não restituiria a paz a Itaguaí antes de ver por terra a Casa Verde – “essa Bastinha da razão humana” – expressão que ouvira a um poeta local e que repetiu com muita ênfase. Disse, e a um sinal, todos saíram com ele. Imagine a situação dos vereadores, urgia obstar ao ajuntamento, à rebelião, à luta, ao sangue. Para acrescentar ao mal acrescentar ao mal de um vereador que apoiara o presidente ouvindo agora a denominação dada pelo barbeiro à Casa Verde – “Bastilha da Razão Humana” (sic) (ASSIS, 2009, p. 30-31).

O movimento da luta antimanicomial no Brasil inicia-se no período de redemocratização da sociedade brasileira, período este conhecido como “Nova República”, em que aflora todo um sentimento de mudanças das estruturas social, econômica, política, arcaica da sociedade brasileira, os movimentos sociais emergem com lutas gerais como: o movimento das Diretas Já, o Partido dos Trabalhadores (PT), o movimento da Anistia as Exilados Políticos e movimentos específicos, começam a canalizar insatisfações secularmente sufocadas, como o movimento pela Democratização e o Acesso a Terra pela Reforma Agrária, o movimento Estudantil, movimento das Mulheres do Campo e da Cidade etc. No contexto desses movimentos, começa a surgir timidamente vozes indignadas com a situação degradante e desumana vivenciada pelos pacientes dos hospitais psiquiátricos no Brasil.

Um dos documentários ícones dessa situação de degradação humana é intitulado “Em Nome da Razão”, do cineasta Helvécio Ratton, que provocou intensos debates sobre a assistência psiquiátrica praticada no Brasil. Outro filme que aborda essa temática e que marcou época foi “O Estranho no Ninho”, interpretado por Jack Nicholson, que foi assistido por milhares de pessoas no Brasil e fora dele. Outro fato digno foi a intensa produção alternativa teórica do chamado movimento da antipsiquiatria, capitaneada por teóricos de renome internacional como Devid Koupper, Ronald Laing, que na prática implantaram um novo modelo de assistência, promovendo mais a saúde mental do que focar na doença mental em si.

É importante ressaltarmos a produção filosófica original de Michel Foucault: “Poder Psiquiátrico” (2006), “Microfísica do Poder” (1986), “Vigiar e Punir” (1986), “A História da Loucura no Ocidente” (2010), pois a vinda dos estudos deste filósofo para o Brasil causou grande impacto junto à intelectualidade brasileira, o que contribuiu para novas perspectivas teóricas e estratégias de resistências do Movimento da luta antimanicomial no Brasil.

A presença do Franco Basaglia no Brasil contribuiu muito para que se consolidassem os debates da Reforma Psiquiátrica Brasileira e a possibilidade da construção de uma nova política de assistência à saúde mental com bases humanizantes, promotoras da dignidade e da afirmação da cidadania dos novos usuários da saúde mental. Segundo Lobosque (1997), as novas práticas clínicas antimanicomiais operaram no sentido contrário da exclusão, desta forma, abrangendo três princípios fundamentais das referidas clínicas: o princípio da singularidade, do limite e o da articulação.

Uma nova política de saúde mental foi tecida com esforço intelectual de vários teóricos, trabalhadores inseridos na assistência social e saúde pública e coletiva, todavia, enfrentou-se o modelo hospitalocêntrico e se propôs um modelo alternativo e substitutivo de maneira capilar, que emerge uma rede de serviços substitutivos ao já referido hospital psiquiátrico tradicional, tais como: os Centros de Atenção Psicossocial, as Residências Terapêuticas, os Serviços de Urgência e Emergência Psiquiátrica, em Pronto Socorro Geral, os Centros de Convivências e Cultura, as Cooperativas de Geração de Emprego e Renda e outros.

Conforme Ricci e Nascimento (2009), algumas estratégias e serviços compõem uma nova política de assistência à saúde mental no Brasil:

Os centros de Atenção Psicossocial são serviços territorialidades, de base comunitária, com funcionamento de 24 horas por dia, sete dias na semana, responsando-se pela demanda de serviços de saúde mental de sua região. **Saúde mental na Atenção Básica de Saúde** [...] Núcleos de Apoio a Saúde da Família (doravante NASF), vai se constituir uma das áreas mais promissoras na implementação das ações da saúde mental no território. **O Centro de Convivências e Culturais:** destinados aos portadores de transtornos mentais, usuários, álcool e outras drogas, e comunidade em geral, têm como objetivo produzir saúde, cidadania, humanização, integração mediante o contato com a produção cultural, esporte, lazer e arte como forma de

expressividade e de promoção de encontros. **As Resistências Terapêuticas:** moradias protegidas, destinados aos egressos de hospital psiquiátricos. **Cooperativas de Geração de Emprego e Renda:** [...] O trabalho deixa de ser uma atividade terapêutica (prescrita, orientada, protegida), ou deixa de ser uma atividade terapêutica (prescrita, orientada, protegida), ou deixa de ser uma forma simples de ocupação de tempo ocioso (RICCI; NASCIMENTO, 2009, p. 75).

Ao encerrar esta seção, queremos mais uma vez ressaltar a relevância da escritura machadiana que teve a ousadia de se contrapor a toda uma concepção pseudocientífica e falsamente humanizante, o que nos leva a refletir sobre o que declarou uma vez Bertolt Brecht (2016):

Nada é impossível de mudar. Desconfiai do mais trivial, na aparência singela. E examinai, sobretudo, o que aparece habitual. Suplicamos expressamente: não aceiteis o que de hábito como coisa natural, pois em tempo de desordem sangrenta, de confusão organizada, de arbitrariedade consciente, de humanidade desumanizada, nada deve parecer natural, nada deve parecer impossível de mudar (p.293).

Sempre haverá uma razão para acreditar que a mudança chegará. A seguir, as considerações finais deste ensaio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A priori, este estudo desenvolveu-se a partir de interesses pessoais pelas diversas produções ficcionais de Machado de Assis. Decidiu-se explorar uma pequena faceta do conto “O Alienista” de Machado de Assis, associando-o à analítica foucaultiana, vislumbrando a possibilidade de empreender uma possível associação da compreensão da emergência da loucura como fenômeno existencial sócio/político e uma notável convergência de ideias e similitude de criticidade entre os dois autores. De acordo com a afirmativa de Lima e Pelbart (2007) que a literatura pode ser pensada

Afora o interesse dedicado ao mundo da loucura, podemos depreender da obra de Machado a idéia de que a literatura pode ser pensada como clínica no sentido que Deleuze (1997) dá a esse termo quando vê o romancista como médico de si mesmo e do mundo e a literatura como um empreendimento de saúde dá a esse termo quando vê o romancista como médico de si mesmo e do mundo e a literatura como um empreendimento de saúde (sic) (LIMA; PELBART, p. 714, 2007)

No aprofundamento aproximativo do conto “O Alienista” e da perspectiva filosófica de Foucault, foi possível estabelecer contrapontos analíticos, filosóficos, baseados nos conceitos operacionais de saber-poder encontrado no discurso psiquiátrico vigente na época. Embasamos nossas análises e reflexões de modo mais focal em capítulos referentes aos livros “Microfísica do Poder” (1976), “Vigiar e Punir” (1986).

Expomos que a apropriação e a possível compreensão da analítica foucaultiana foram árduas, porém, desafiantes, por termos certeza da potencialidade explicativa e descritiva das referidas análises que podem abrir novas perspectivas para uma releitura e novas significação da obra machadiana, ainda em processo inicial nos âmbitos acadêmicos que justificam uma perspectiva transdisciplinar, que possibilite uma leitura cada vez mais aproximada entre a literatura e a filosofia. Os escritos de Machado de Assis notabilizaram-se por ter desenvolvido toda uma desestruturação e desmonte de um discurso que se apresentava como detentor de todo o conhecimento sobre a loucura e a doença mental; a singularidade e a originalidade machadiana

estruturaram-se na forma de ironia para abordar a temática da loucura e da psiquiatria. Por conseguinte, a análise foucaultiana possibilitou uma crítica aos conceitos filosóficos, com o objetivo também de desconstruir e analisar criticamente o discurso do saber-poder psiquiátrico na relação saber-poder vigente do século XIX.

As produções de Machado de Assis e de Michel Foucault são importantes, pois, possibilitam a elaboração crítica sobre o pretense estatuto da cientificidade da psiquiatria, que, como vimos nas reflexões empreendidas nesse trabalho, estava assentada em interesses de controle e da divergência social, ora existencial, ora política de pessoas que não se enquadravam na concepção de normalidade elaborada por uma sociedade de controle social e político, na qual era insuportável a convivência com a diferença e modos alternativos de existência, por conseguinte, transformando-os em pessoas assujeitadas à exclusão social.

O propósito inicial consistiu em realizar uma aproximação das questões da loucura e da relações saber-poder, e a imanência do poder psiquiátrico. Nesta trajetória de trabalho, algumas dificuldades foram presentes, ou seja, realizar, seleções de texto, sínteses, fichamentos, no sentido, de se apropriar com maior segurança de uma análise teórica conceitual para nós desconhecida, escrever, adequar e, por fim, reescrever

A essência dos escritos de Machado de Assis e Foucault contribuiu notavelmente para a desconstrução do discurso psiquiátrico e sua relação de saber e poder, assujeitamento sobre os chamados doentes mentais, como também abriu duas frentes de novas significações. 1. A elaboração de outras possibilidades da compreensão do sofrimento psíquico; e 2. O estabelecimento na prática de novos serviços de atendimento e atenção psicossocial de uma forma humanizada e promotora da saúde mental, contrapondo-se ao modelo hospitalocêntrico descrito por Machado de Assis no hospital psiquiátrico chamado na obra literário ficcional de “A Casa Verde”.

REFERÊNCIAS:

ASSIS, M. (1839 – 1908). **O Alienista** São Paulo: Ciranda Cultural, 2009. (Clássicos da Literatura)

AZEVEDO, E.F. **Michel Foucault e “O Alienista” de Machado de Assis**. 52f. Monografia, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: < <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/14286/14286.PDF> > Acesso: 8 mar. 2017.

BRASIL. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria-Executiva. Subsecretaria de Assuntos Administrativos. **Memória da loucura: apostila de monitoria / Ministério da Saúde**, Secretaria-Executiva, Subsecretaria de Assuntos Administrativos. Brasília, 2008.

Brecht, B. (2016). Nada é impossível de mudar. **Revista De Psicanálise Stylus**, (33), p. 293. <https://doi.org/10.31683/stylus.vi33.613>

DICIO. **Dicionário Aurélio online de português**. Disponível em:< <https://www.dicio.com.br/aurelio-2/>> Acesso em: 05 mar. 2017

RATTON, Helvécio. **Em nome da razão: um filme sobre os porões da loucura**. Fotografia Dileny Campos. Montagem José Tavares de Barros. Som Evandro Lemos. Produção Tarcísio Vidigal. Barbacena, outubro de 1979. Disponível no canal do Youtube de Innes Cozzo < <https://www.dailymotion.com/video/x4kdb7y>> acesso: 26 jun. 2022.

FOUCAULT, M. **A Microfísica do Poder**. 10. ed. São Paulo: Edições Graal, 1992. Original publicado em 1978.

FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade: curso dado no Collège de France (1975- 1976)**. M. E. Galvão, Trad. Coleção Tópicos. São Paulo: Martins Fontes, 2005. Original publicado em 1976.

FOUCAULT, M. **O Poder Psiquiátrico: curso dado no Collège de France (1973-1974)**. E. Brandão, Trad. Coleção Tópicos. São Paulo: Martins Fontes. 2006. Original publicado em 1974.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão**. 41. ed. Petrópolis RJ: Vozes, 1986. Original publicado em 1975.

LE GOFF, J. (1924) **História e Memória** 7. ed. rev. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

LEMOS, F.C.S. **Criança e adolescentes entre a norma e a lei: uma análise foucaultiana**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2007. Disponível em:< <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/103185> > Acesso em: 8 mar. 2017

LEMOS, F.C.S; CARDOSO JUNIOR, H.R. **A genealogia em Foucault: uma trajetória.** *Psicologia & Sociedade*, v. 21, n. 3, p. 353-357, 2009. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v21n3/a08v21n3.pdf>> Acesso: 8 mar. 2017

LEMOS, F. et al. **Notas sobre a genealogia e a pesquisa cartográfica.** *ECOS: Estudos Contemporâneos da Subjetividade*, v. 5, n. 2, p. 209-218, 2015. Disponível em:<<http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/1474>> Acesso em: 8 mar. 2017

LIMA, E. M. F. A.; PELBART, P. P. **Arte, clínica e loucura: um território em mutação.** *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.14, n.3, p.709-735, jul.-set. 2007.

LOBOSQUE, A. M. **Princípios para uma clínica antimanicomial e outros escritos.** São Paulo : HUCITEC, 1997.

LOUCURA. **Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

RICCI, M.; NACIMENTO. In: RICCI, M.; VALETIM, R. (Org.) **História, loucura e memória: o acervo do hospital psiquiátrico Juliano Moreira.** Belém: Secretária de Estado de Cultura, Arquivo Público do Estado do Pará, 2009.

PEREIRA, L. M. **Machado de Assis** (Estudo Crítico e Biográfico). São Paulo: Companhia Editora Nacional, 5. ed. 1936.

UM ESTRANHO NO NINHO. **Diretor Milos Forman.** Interpreters Michael Berryman, Jack Nicholson, Louise Fletcher. Audio Ingles. Legenda Ingles, Portugues e Espanyol. Categoria Drama 1 DVD (2h 09 min). Título Original: One Flew Over the Cuckoo's Nest. Estados Unidos da América (1975). Baseado no aclamado Best-seller de Ken Kesey, Um Estranho no Ninho arrebatou os cinco principais oscar em 1975.

Este ensaio tem por objetivo, fazer uma aproximação das similitudes entre o pensamento de Michel Foucault e a literatura de Machado de Assis no conto “O Alienista”, no que concerne à desconstrução da relação saber-poder psiquiátrico que era estabelecida pelo espírito cientificista do século XIX, cujo primado da razão era considerado como a única possibilidade para compreender e empreender uma resposta terapêutica para, até então, incompreensível loucura e desrazão. Tempos depois, no século XX, Michel Foucault emerge com novas ferramentas analíticas conceituais, as quais, de maneira sucinta algumas estão presentes neste ensaio, como a Genealogia e o conceito de Saber-poder expressas no discurso do personagem ficcional o doutor Simão Bacamarte.

